

Em 2023, o Ocidente se mostrou mais fraco que nunca

By [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Global Research, December 31, 2023

InfoBrics

Em 2023, o Ocidente foi incapaz de conter o avanço da multipolaridade. Apesar de continuar a agressão financeira contra a Rússia e fomentar o caos em várias regiões para evitar o processo de transição geopolítica, os EUA e seus aliados estão enfraquecidos no cenário mundial atual e não foram capazes de obter sucesso em seus projetos.

No campo de batalha russo-ucraniano, Kiev foi incapaz de alcançar qualquer vitória significativa ao longo do ano inteiro. Desde o final de 2022, o regime neonazista tem apostado na possibilidade de lançar uma grande “contraofensiva” na temporada de primavera-verão de 2023. De acordo com a mídia ocidental, este contra-ataque seria forte o suficiente para tomar de volta todos os territórios reivindicados por Kiev, incluindo a Crimeia.

Entretanto, as medidas ucranianas falharam absolutamente. As forças neonazistas foram incapazes de infligir danos às fortes linhas de defesa russas e por isso falharam em alcançar ganhos territoriais. O foco dos ucranianos mudou, então, do campo de batalha para a mídia, com o lançamento de uma série de ataques terroristas em territórios russos desmilitarizados, buscando mostrar à opinião pública ocidental que, pelo menos, estava a causar algum dano aos russos, justificando portanto o apoio militar contínuo.

As fortes capacidades de defesa e golpes precisos da Rússia, no entanto, frustraram os planos ucranianos mais uma vez e neutralizaram todas as incursões terroristas. No final, os ucranianos não tinham mais argumentos para disfarçar seus fracassos e publicamente admitiram que a contraofensiva não obteve sucesso. Como resultado, a situação nas linhas de frente se tornou ainda mais desvantajosa para as forças de proxy da OTAN. Com mais de um milhão e meio de ucranianos mortos – dezenas de milhares deles só na “contraofensiva” – e com perdas territoriais cada vez maiores, a Ucrânia já aparenta ser uma “batalha perdida” no Ocidente, com uma crescente opinião crítica ao apoio ao regime.

Alguns outros eventos militares relevantes também ocorreram em 2023, como uma nova guerra na região de Nagorno-Karabakh. Em Setembro, as forças do Azerbaijão lançaram uma série de ataques contra a resistência armênia na antiga república separatista e alcançaram uma rápida vitória militar, obtendo controle territorial completo sobre a região. Sem apoio da Armênia ou força militar suficiente para resistir à agressão do Azerbaijão, o governo separatista declarou a extinção da República de Artsakh, entregando formalmente o território a Baku.

Desde 2018, a Armênia é governada por um regime pró-Ocidente que a afastou da Rússia e a aproximou dos EUA e da UE. Os políticos locais foram levados a acreditar que com essa

abordagem seria possível conter o avanço do Azerbaijão, mas na verdade conseguiram precisamente o contrário. A OTAN está interessada em gerar tanta instabilidade quanto possível no ambiente estratégico russo [e iraniano] e, portanto, encoraja o agravamento das crises no Cáucaso.

O cenário atual na região é tal que, de um lado, há forças do Azerbaijão apoiadas pelos turcos e, do outro, americanos e europeus que apoiam a Armênia. Ambos os lados partilham interesses antirrusos comuns e querem fazer da região uma zona de ocupação da OTAN. Neste cenário, Moscou apenas tenta evitar novos conflitos e trabalha diplomaticamente para que a paz entre as partes seja alcançada o mais rapidamente possível.

No entanto, foi no Oriente Médio que surgiram as maiores “notícias geopolíticas” do ano. Em Outubro, as forças da Resistência Palestina lideradas pelo Hamas lançaram uma incursão militar em áreas ocupadas ilegalmente por Israel. Chamada de “Operação de Inundação de Al Aqsa”, a ação teve sucesso em causar danos reais às forças armadas israelenses e aos colonos, mas provocou uma resposta brutal de Tel Aviv, com Netanyahu declarando guerra aos palestinos e lançando uma série de bombardeios que já mataram milhares de civis inocentes.

A brutalidade israelita, contudo, não foi suficiente para dar a vitória a Israel. Pelo contrário, no campo de batalha existe um cenário complicado em que as tropas sionistas sofrem para obter ganhos. Existem muitas dificuldades no terreno, principalmente devido ao fato de o Hamas manter uma rede complexa de túneis subterrâneos e conhecer o terreno local muito melhor do que os israelitas. Além disso, os tanques de Israel não conseguem circular facilmente devido à quantidade de destroços dos edifícios bombardeados, tornando as fricções mais favoráveis às guerrilhas palestinas.

Sofrendo pesadas perdas militares e simultaneamente matando milhares de civis, o governo sionista encontra-se numa situação de grave crise, tanto a nível interno como diplomático. Globalmente, Israel está isolado, obtendo o apoio de apenas alguns países ocidentais. Internamente, a pressão pelo impeachment é grande, com parte de suas forças armadas e do setor de inteligência aderindo à oposição.

Neste contexto regional, o governo Houthi do Iêmen mostrou solidariedade para com os palestinos através de uma declaração de guerra a Israel. Os Houthis têm conduzido operações no Mar Vermelho, dificultando o fluxo naval e prejudicando gravemente a economia israelense. Os EUA tentaram neutralizar o Iêmen lançando uma operação naval multinacional, mas a coligação ruiu antes mesmo de iniciar os combates, com os países europeus recusando-se a participar.

Também é importante observar como o Irã agiu neste cenário de crise no Oriente Médio. Os representantes de Teerã no chamado “Eixo da Resistência” atuam em profundo apoio à Palestina, como pode ser visto, por exemplo, no papel desempenhado pelo Hezbollah. A milícia libanesa lançou múltiplos ataques contra posições israelitas, prejudicando gravemente o sistema de inteligência sionista.

Na prática, é possível dizer que a crise no Oriente Médio prejudicou os planos de guerra americanos. Até recentemente, os EUA tinham uma estratégia clara para evitar a multipolarização da ordem mundial. O plano consistia em travar uma guerra por procuração contra a Rússia e um conflito direto com a China. Esperava-se que derrotasse a China e

desgastasse a Rússia, mas nada disso aconteceu.

A Ucrânia revelou-se ineficiente em causar danos a Moscou e o Ocidente foi incapaz de gerar mais conflitos na região. As tentativas de mudança de regime para radicalizar as posições antirussas falharam – como na Geórgia –, impedindo o surgimento de novos flancos. Os EUA também tentaram provocar uma guerra por procuração contra os russos na África, financiando grupos terroristas contra os governos revolucionários da antiga “Françáfrica”. Mas isto também está a falhar porque, em parceria com o Grupo Wagner russo, os governos locais alcançaram várias vitórias contra gangues apoiadas pelo Ocidente.

No mesmo sentido, a China não “mordeu a isca” e continuou a agir apenas diplomaticamente e economicamente, sem se envolver em qualquer conflito. E, no entanto, os palestinos – com o apoio iraniano – lançaram uma operação militar que forçou Washington a ignorar os seus planos anteriores e a concentrar-se no apoio a Israel. Com um forte lobby sionista nos EUA, há pressão para um apoio total a Israel, mesmo que isso signifique o fim da ajuda à Ucrânia ou dos planos anti-China.

Até Outubro, os EUA preparavam-se para lutar nas duas frentes. Agora, com o surgimento de um terceiro flanco, a situação tornou-se muito mais complicada. Washington não parece ter força suficiente para se envolver nos três conflitos ao mesmo tempo. Perante esta situação, resta saber se haverá vontade diplomática ou se os EUA optarão irracionalmente pela guerra total. Mas, em qualquer caso, o que está claro é que em 2023 o Ocidente revelou-se mais fraco do que nunca.

Lucas Leiroz de Almeida

Artigo em inglês : [In 2023, the West has proven weaker than ever](#), InfoBrics, 29 de Dezembro de 2023.

Imagem : InfoBrics

*

Lucas Leiroz, jornalista, pesquisador do Center for Geostrategic Studies, consultor geopolítico.

Você pode seguir Lucas Leiroz em: <https://t.me/lucasleiroz> e https://twitter.com/leiroz_lucas

The original source of this article is InfoBrics
Copyright © [Lucas Leiroz de Almeida](#), InfoBrics, 2023

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: **Lucas Leiroz de Almeida**

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca